

- 1 castiçal, antigo, de metal;
 varios fragmentos de um retabulo de pedra, attribuido ao seculo XVI,
 e proveniente da igreja de S. Pedro de Buarcos;
 varios objectos, taes como um espadim, fragmentado, botões, fi-
 velas, etc., encontrados em sepulturas antigas, da mesma igreja;
 varias apolices do Real Erario, dos annos de 1798, 1799 e 1805;
 4 grandes potes de barro, antigos;
 1 azulejo hispano-mourisco;
 1 caixa de rapé, de chifre de veado;
 1 caixa de madeira;
 2 pares de brincos e dois broches antigos, provenientes da China;
 1 brinco de metal, antigo, proveniente de Santarem;
 amostras de tecidos antigos;
 1 denario de Augusto;
 1 medio-bronze, de Claudio, achado em Ançã;
 varias medalhas portuguezas;
 1 medalha distinctiva da Sociedade Archeologica da Figueira;
 1 medalha commemorativa do quarto centenario do descobrimento
 o Brasil.

P. BELCHIOR DA CRUZ.

Elementos para a solução de um problema archeologico

Ha annos um illustre, venerando e bem nosso conhecido investi-
 gador das cousas brigantinas, andando na procura de vestigios da es-
 trada militar romana de Braga a Astorga, que passava por Chaves,
 encontrou nos altos de Fonte Arcada, Carragosa e Soutello, concelho
 de Bragança, uns padrões de granito mais ou menos trabalhados, de
 altura media 1^m,15, largura 0^m,55 e espessura 0^m,25, collocados nos cam-
 inhos ou suas proximidades, servindo ou não de limite de termos,
 com a seguinte inscripção:

CA

BAR

com esta mesma disposição e typo de letra em todos elles, e a qual
 deu depois de muitas e diversas permutações esta solução:—A. BRAC.
tantos mil passos a contar de Braga,—vindo-os a considerar marcos
 d'aquella via que faz passar por aquelles sitios.

Não se conformaram com esta interpretação os espiritos de indole

renitente, e começaram a formar várias conjecturas e alvites em procura de outra resolução. E assim diziam uns, que ella queria dizer—CABAR—havendo ainda entre estes divergencia, dos que era assim por marcar limite ou cabo do termo, apesar do êrro orthographico, e dos que a julgavam uma dedicação á lua (!) feita por uma das tribus arabes que invadiu a Peninsula e a adorava sob este nome; outros davam de parecer que indicava—«Camara ou Casa (CA) de Bragança (BAR)»,—baseando-se na probabilidade de que os termos que dividiam tivessem pertencido á Camara ou Casa de Bragança no tempo em que se escrevia *Bargança*; ainda outros, aproveitando esta significação de—BAR—, induziam que se devia ler—«Caminho (CA) de Bragança»,—por os marcos estarem nas proximidades de caminhos; finalmente, outros que se devia tomar como sendo só o nome de—«Bragança (BARGANÇA)» escripto em abreviatura¹.

Havia, como se vê, sómente a incerteza, que continuaria durante muito tempo, talvez, se não fosse a circumstancia de vir no conhecimento da existencia noutros pontos de muitos outros padrões quasi nas mesmas condições de feitiço, grandeza, situação e serventia que os encontrados em Fonte-Arcada, Carragosa e Soutello, com a mesma inscripção no mesmo typo de letra, indicando serem todas da mesma epocha, tendo algumas o C e o A ligados (CA) e o A e o R tambem ligados (AR). Pois assim é o marco de Cabanellas no caminho da Mosca para S. Pedro, que divide os termos de Nogueira, S. Pedro e Rebordãos; a marra de Rôbôr-de-Vaccas no caminho velho de Bragança para Lamalonga que marca os termos de Villarinho, Agrochão e Ervedosa; a de Lamalonga no mesmo caminho, ponto divisorio dos termos d'esta povoação e Villarinho-de-Agrochão; a do Lombo numa terra de pão, fóra de caminhos, que é outro signal divisionario dos mesmos termos; a dos Salgueiros situada no campo no meio de umas fragas que separa ainda os termos d'estas duas povoações e da Argana; e finalmente, outras tambem divisorias de termos collocadas nos caminhos de Samil para S. Pedro e para Alfaião.

¹ Nos *Autos propios do tombo do termo e bens do concelho da villa de Ervedosa*, feito em 1826, lê-se: «... e caminhando da Escoura pelo lado sul em direitura ao nascente athé á fraga da Talha por onde parte como termo de Argana e d'esta pela parte de cima da Quinta athé ao Cabeço das Alagoas, em cujo Cabeço se acha hum marco de cantaria com *letras* que dizem *Bragança* viradas para o logar de Villarinho, cujo marco divide o termo d'esta Villa de Villarinho e Argana». Visitei este marco e vi que a sua inscripção era como a dos marcos de que estamos tratando e no mesmo typo de letra.

D'estes achados concluí logo que estas marras ou marcos eram destinados a dividir os termos das povoações, o que ainda era comprovado pela existencia nalguns de umas rectas que se cortavam em cruz, signal usado da sua verificação, que noutros apparecia numas pedras baixas collocadas ao lado como para as amparar, e a que vulgarmente chamam *testemunhas*. Ficando prejudicada d'esta fórma a ideia de que serviam para indicar as distancias a Braga de uma estrada, e de que fossem monumentos levantados á lua.

Apesar d'isso o enigma continuava, subsistindo as outras supposições, visto ser desconhecida a palavra—CABAR—quando noutra digressão que fiz a Lamalonga, onde, como vimos, ellas abundam mais, fui encontrar, num tapado no sitio do Cercado, por onde nunca podia passar caminho, uma fraga de granito, de fórma arredondada de mais de 2 metros de altura e de 3 de largura, e que está encostada a outra ainda de maiores dimensões, com esta inscripção numa só linha sem outro signal:

BARCA

feita em grandes letras de 0^m,3 de corpo, bem gravadas e claras, do mesmo typo que o dos marcos e tendo o C e o A ligado (CA), e que serve de limite aos termos de Lamalonga, Torre de D. Chama, Nuzellos e Villarinho.

Este descobrimento evidenciou que as inscripções das marras se deviam ler tambem —BARCA—; não estando assim nellas escriptas, porque como effectivamente notei, não cabiam na largura das suas faces todas as letras numa só linha, tendo a grandeza que lhes deram, talvez para as tornar mais legiveis e duradouras, pois que a média do seu corpo regula pela da linha superior por 0^m,15 e das da inferior por 0^m,20. E d'esta maneira ficaram sem valor todas as outras interpretações, para apparecer, por sua vez, a curiosidade de saber a origem do costume de gravarem esta e outras palavras nas pedras destinadas a marcar o limite dos termos. O que nos é explicado a pags. 541-542 do artigo de Alberto Sampaio, intitulado «As villas no norte de Portugal» publicado no n.º 23, vol. IV, da *Revista de Portugal*, de Eça de Queiroz, de 1892, em que se lê:

«..... Que esses marcos (dos romanos) se mantiveram e existiam ainda no periodo astur-leonez, não pode haver a menor duvida, visto serem mencionados vulgarmente nos D(iplomata).

Um exemplo bastará.

Afonso III (866-910) doára ao bispo Sabaricus o mosteiro de Dume com o seu territorio *per suos terminos antiquos*. No tempo do

filho Ordonho II, foi necessario por qualquer motivo identificar a demarcação antiga (D. 17). Fez-se uma *congregatio magna*: o bispo apresentou o seu documento; nomearam-se peritos—*qui solent antiquitum comprobare*; recompor o passado era a preocupação d'essa sociedade. Os peritos em presença dos magnates seculares e ecclesiasticos determinaram a linha de demarcação com a maior facilidade. Ahi acharam repetidas vezes *petras-fictas, qui ab antico pro termino fuerunt constitutas—archa petrinea ah antiquis constructa—congesta petrinea—agrem*; e outros marcos, como—*ad barca, qui sedet sculpta in petra—petra scripta, ubi dicit terminum—terra tumeda qui fuit manu facta*. São effectivamente signaes de demarcação romana ou arcas, *congesta petrinea, a petra sculpta ou scripta*, assim como tambem as *petras fictas* e a *terra tumeda*.

Este conhecimento conjuntamente com as informações referidas e a fraga do Cercado em Lamalonga elucidaram não só o destino d'estes padrões e o modo de ler a sua inscripção, mas tambem que, como parece pelo typo das lettras e pelo apparecimento de alguns em termos de povoados considerados relativamente modernos, senão são de origem romana foram todavia feitos á imitação dos empregados por este povo para limitar os seus termos e territorios; ficando assim esclarecido este assunto que tinha dado ensejo a discussões muito interessantes entre individualidades, algumas da maior consideração scientifica. E a inscripção deve dizer o seu nome, cuja razão de ser será a mesma porque lhe chamaram tambem—*arcas*—e hoje—*marras*, e porque antigamente denominavam *lindes* aos marcos das propriedades e terras, que agora em algumas povoações d'estes sitios conhecem por *alfos*.

Bragança, Junho de 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

290. Magrellos (Entre-Douro-e-Minho)

O Castro de Arados

«No alto cacumen deste monte (*de Arados*) ha tradição muyto antiga que naquelle tempo habitavão os Mouros, e daquella planicie fazião fortaleza, e ainda hoje se divizão huns vestigios pello poente dos muros da sua fortaleza». (Tomo XXII, fl. 210).